

A Notação Íntima do Sentimento Brasileiro em *Minha Formação*, de Joaquim

Nabuco

The Notation of Brazilian Intimate Feeling on *Minha Formação*, by Joaquim

Nabuco

Fábio Nascimento Sandes¹

Universidade Federal do Tocantins - UFT

Resumo: Analisaremos como a ideia de escrever uma autobiografia surgiu em Nabuco, e depois como o sentimento brasileiro se configura ao longo de sua formação. Aos 50 anos, Nabuco achava que havia se doado bastante aos outros, e que tinha o direito, frente às experiências vividas no Brasil e fora dele, de doar um pouco a si mesmo, examinando-se, aprimorando-se no seu modo íntimo, escrevendo a história da própria vida e da formação nacional de seu país. Em seguida, tomaremos o biografado sob dois eixos temáticos: arte e natureza, com vistas a entender até que ponto a “fabricação do eu” é guiada por princípios naturais e por artificialidades da cultura. Tal ambiguidade encontra-se diluída em *Minha Formação*, mais especificamente quando ele afirma que: “a nossa imaginação não pode deixar de ser europeia”, já que mais adiante dirá: “na América falta à paisagem, à vida, ao horizonte, à arquitetura, a tudo o que nos cerca, o fundo histórico, a perspectiva humana; e que na Europa nos falta a pátria, isto é, a fôrma em que cada um de nós foi vazado ao nascer”. Cabe observar que o narrador desses trechos é o Nabuco da “mocidade”, tomado por sentimentos de instabilidade, curiosidade e indecisão. Nosso propósito maior foi identificar como o autor faz uma crítica aos seus anos de juventude e como ele conjuga suas notas íntimas brasileiras e estrangeiras, de modo a convergir o processo de maturação de uma forma de escritor brasileiro cindido entre o artifício da cultura europeia e o coração íntimo de um brasileiro.

Palavras-chaves: Joaquim Nabuco; formação; autobiografia; ambiguidade;

Abstract: Firstly we will examine how the idea of writing an autobiography appeared in Nabuco, and then how the Brazilian feeling sets upon his formation. At the age of 50, Nabuco thought that he had already given to much of himself to others, and had the right, compared to the experiences in Brazil and abroad, to give a little to himself, by not only cutting edges in his intimate way, but writing his history of life and formation of his country. Secondly, we will reflect upon his biography based on two themes: art and nature, in order to better understand the extent in which the “self-fabrication” is guided by natural principles and the artificiality of culture. This ambiguity is spread all over *Minha Formação*, especially when he states that “our imagination cannot be other than European”, as he will later convey: “in America it lacks the historical background and the human perspective to landscape, life, the horizon, architecture, everything that surrounds us, and in Europe we lack the homeland, that is, the way each one of us was cast at birth”. It should be noted that the narrator of these sections is a Nabuco, but in his young period of life, filled with feelings of instability, curiosity, and indecision. Our purpose herein was to identify how the author has criticized his early years and in what degree he has combined his Brazilian and foreign private notes to converge the process of maturation of a Brazilian writer divided into the artifice of European culture and the intimate heart of a Brazilian.

Key-words: Joaquim Nabuco; formation; autobiography; ambiguity.

¹ Mestre em Letras: Cultura, Educação e Linguagens pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (PPGCEL-UESB) e professor do magistério superior do Curso de licenciatura em Letras – Inglês e Literaturas da Universidade Federal do Tocantins (UFT), campus universitário de Porto Nacional.

Submetido em 28 de setembro de 2016.

Aprovado em 27 de novembro de 2016.

Considerações Iniciais

“As minhas ideias eram, entretanto, uma mistura e uma confusão; havia de tudo em meu espírito” (NABUCO, 1900, p. 25). Esta é uma frase que sintetiza o “furor iconoclasta da mocidade” de Joaquim Nabuco, o autor brasileiro de *Minha Formação*. No caso desse ensaio, me proponho a examinar como se deu a formação desse autor, desde a infância à maturidade, e, em seguida, conceber de que modo sua ambiguidade é passível de análise em função do que se pode chamar de “dilema do mazombo”, termo empregado por Evaldo Cabral de Mello, no prefácio intitulado “No Centenário de Minha Formação”.

Desse modo, ofereço-me a versar, também, sobre como a construção de subjetividade se perfaz em Nabuco, pautado em dois eixos temáticos: “arte” e “natureza”, com vistas a entender até que ponto a “fabricação do eu” é guiada por princípios naturais e por artificialidades da cultura.

1. A formação monárquica, literário-política e humana de Joaquim Nabuco

Nabuco produzira seu auto-retrato *in media res*, isto é, começando a narrativa pelo meio da história, ao invés de iniciá-la pela ordem cronológica dos eventos, *ab ovo*. A razão que levou o escritor a não narrá-la pelos anos da infância foi porque estas páginas tiveram, ao serem primeiro publicadas, um cunho político que, gradativamente, foi se esvaindo, pois, já ao escrevê-las, reduzia-lhe o fascínio, o atrativo político. Por isso, optou por discorrer sobre o encadeamento dos fatos em função de sua formação monárquica; depois, ampliando a natureza, sua formação político-literária; e, por fim, ainda desenvolvendo-a, sua formação humana.

Com relação à sua formação monárquica, Nabuco foi um “liberal de uma só peça; o [seu] peso, a [sua] densidade democrática era máxima” (NABUCO, 1900, p. 26). Nabuco fez da Constituição de Bagehot, pensador inglês cujas ideias o influenciaram sobremaneira a ponto de arrancar dele uma solução para as suas primeiras equações políticas, um verdadeiro evangelho. Segundo ele, embora fossem poucas as

contribuições “[eram] todas chaves de sistemas e concepções políticas, de verdadeiros estados de espírito moderno”.

O legado de Bagehot a Nabuco remonta à ideia de que os dois poderes, tanto o executivo, quanto o legislativo, “se unem por um laço que é o gabinete e que, de fato, assim só há um poder, que é a Câmara dos Comuns, de que o gabinete é a principal comissão” (NABUCO, 1900, p.31-32). Nessa análise, Nabuco não concebe a ideia de instaurar no Brasil um governo presidencial em que haja uma “independência mútua do legislativo e do executivo”, mas se coloca em total favor de um governo de gabinete, como o inglês o é, no qual há uma “fusão e combinação desses poderes”.

Dominado por sentimentos de dualidade, curiosidade e indecisão, Joaquim Nabuco estava propenso a todas as coisas, tudo passava sucessivamente pelo seu espírito. A Constituição Inglesa de Bagehot, por exemplo, constituiu a razão de sua fixação monárquica inabalável. Foi daí que ele tirou o seu instrumento de trabalho em política. Sendo “antes um espectador do [s]eu século do que do [s]eu país”, Nabuco procurara, na política, o lado moral, e, embora a política despertasse o seu interesse em qualquer parte do mundo, ele não se identificava como um verdadeiro político, cujo espírito é capaz de viver na política frívola e de dar ali o que tem de melhor.

Receando ter nascido cosmopolita, em virtude da influência cultural adquirida dos grandes centros urbanos com os quais teve contato, Nabuco descreveu 1873, como o ano em que fez a primeira viagem à Europa, a qual foi decisiva para o fato de “metamorfose pessoal”, que, segundo ele, foi a “passagem da crisálida para a borboleta”.

A metáfora da “metamorfose pessoal”, nesse caso, é uma evidência do artifício técnico da arte presente em Nabuco. Afinal o que são “metamorfose”, “crisálida”, “borboleta”, senão elementos naturais que afetam as paixões do indivíduo? A ordem do discurso não diz respeito à ordem do real, são meros instrumentos figurativos e, ao mesmo tempo, arbitrários.

O desejo pelo sentimento de ubiquidade era como uma ave de rapina que plainava sobre sua juventude. “Nesse tempo, (...) em pleno politeísmo da mocidade, o mundo inteiro [o] atraía por igual; cada nova fascinação da arte, da natureza, da literatura e, também, da política, era a mais forte”. A “senhora” ambiguidade estava mais uma vez sentada à beira de sua cama. Leiamos passagem do *Minha Formação*: “nós brasileiros – o mesmo pode-se dizer dos outros povos americanos – pertencemos à

América pelo sedimento novo, flutuante, do nosso espírito, e à Europa, por suas camadas estratificadas” (NABUCO, 1900, p.49).

Ao que parece, Nabuco lança mão de mais uma metáfora, só que dessa vez geológica. Em outras palavras, repete-se o artifício técnico traduzido na formação das camadas da terra como o “sedimento novo” e demais horizontes estratificados para falar do Brasil e da Europa, termos geográficos genuinamente naturais.

Ainda sobre sua inconstância, dizia: “A ambição de conhecer homens célebres de toda ordem era sem limites; eu tê-los-ia ido procurar ao fim do mundo”. Logo em seguida: “eu queria era ver todas as vistas do globo, tudo o que tem arrancado um grito de admiração a um viajante inteligente”.

No que tange à sua formação político-literária, Nabuco recebeu profundas influências enquanto percorria a França a Inglaterra e os Estados Unidos. Na verdade, como ele mesmo anunciara no *Minha Formação*, tudo isso não era, senão a [sua] própria mocidade, que coloria, animava, ou feria nele “notas íntimas de longa ressonância”.

Nabuco havia assimilado um pouco da filosofia, religião, crítica literária, poesia, prosa, a frase, a eloquência, o retrato, a encenação histórica, o romance francês. Tudo isso formava o plano de fundo do seu espírito, o “húmus de [sua] inteligência”. E tendo retornado da Europa, chegara ao Brasil, “cheio de ideias de poesia, arte, história, literatura, crítica, isto é, com uma espessa camada europeia na imaginação” (NABUCO, 1900, p. 78).

A verdade é que, entre as “molas de [seu] mecanismo, nenhuma teve a elasticidade e a força da que [ele] chamaria a mola estética. O [seu] juízo estético foi, em todas as épocas, e ainda o é (...), imperfeito, instintivo, oscilante, como uma agulha que girasse por todo o mostrador” (NABUCO, 1900, p. 79). Contudo, não se pode negar a assertiva categórica de que “a influência inglesa foi a mais forte e mais duradoura que receb[eu]” (NABUCO, 1900, p.84).

Por toda parte, Nabuco havia passado como viajante, demorando às vezes o tempo preciso para receber a impressão dos lugares e dos monumentos, o molde íntimo da paisagem e das obras de arte, mas sempre desprendido de tudo, na inconstância contínua da imaginação. O que me inquieta nessa auto-biografia é a propensão às ideias europeias que circundam esse intelectual. Em certa passagem do *Minha Formação*, “Nhô Quim” se indaga a que povo ele salvaria, podendo, se a humanidade se reduzisse a

uma só. E então responde: “minha hesitação seria entre a França e a Inglaterra (...). Entre França e Inglaterra, (...) fico sempre incerto. O meu dever seria, talvez, socorrer a França” (NABUCO, 1900, p. 84).

A natureza do comentário acima é no mínimo surpreendente. É perceptível a constatação de um sentimento de sedução provocado pelas duas nações que nos leva a pensar em uma descrença na administração e regimento de seu país de origem. Entretanto, ao descrever as nações que lhe causavam admiração, o autor deixa entrever as marcas deixadas pelas nações por onde passou e o seu fascínio por elas impulsionava sua busca pelo conhecimento das forças operantes no desenvolvimento de tais países.

Segundo Nabuco, “o gênio francês tem todos os raios do espírito humano, principalmente (...) os estéticos; o (...) inglês, [em contrapartida], não os tem todos” (NABUCO, 1900, p. 85). Em compensação, o povo inglês, segundo ele, parece ser mais são, mais ágil; “te[r] maior vigor mesmo de gênio e de criação”.

Com uma visão romantizada da cidade londrina, Nabuco descreve por meio de adjetivos em cascata as praças, os bosques, os edifícios, o clima, a relva, os jardins, o conforto, a medida, a liberdade, o espaço, a solidez, “a independência, a naturalidade, a despreocupação”. Paris também foi deveras importante e imprimiu marcas expressivas em seu espírito. Os Estados Unidos, por outro lado, passou despercebido aos seus olhos, muito embora Nabuco tivesse admitido que, tendo vivido, na juventude, dois anos no país norte-americano, não poderia evitar as suas influências. Porém, Nabuco enfatiza que o seu interesse intelectual era compreender como um tão grande país era administrado e regido, e quais eram “as forças sociais e influências morais que presidiam ao seu colossal desenvolvimento”.

Dessa conjuntura, surge um questionamento: qual seria a razão de projetar suas luzes para o cume do progresso de outro país se não fosse para utilizá-lo como espelho para pensar o Brasil? Nabuco estava interessado numa causa muito maior, e, ao ser eleito pela primeira vez para o parlamento, deu-se conta de que havia uma “necessidade de outra provisão de sol interior”, quando então declara:

Era-me preciso, não mais o diletantismo, mas a paixão humana, o interesse vivo, palpitante, absorvente, no destino e na condição alheia, na sorte dos infelizes; aproveitar a minha vida em qualquer obra de misericórdia nacional, ajudar o meu país, prestar os ombros à minha época, para algum nobre empreendimento. (...) Era preciso que o interesse fosse humano, universal; que a obra tivesse o caráter de finalidade, a certeza, a inerrância do absoluto, do divino como tem as (...) auroras da verdade e da consciência sobre o mundo. No Brasil, havia ainda no ano em que

comecei minha vida pública um interesse daquela ordem, (...) quer se tratasse da sorte de criaturas isoladas, quer do caráter da nação... Tal interesse só podia ser o da emancipação, e por felicidade da minha hora, eu trazia da infância e da adolescência, o interesse, a compaixão, o sentimento pelo escravo, bolbo que devia dar a única flor da minha carreira...” (NABUCO, 1900, p. 154-155).

Assim, tendo esclarecido e apresentado a formação monárquica, político literária ou literário-política e humana de Joaquim Nabuco, cabe aqui fazer uma análise teórica que exige um esforço intelectual.

2. Uma causa social latente: o combate à escravidão

Além do problema identificado por esse homem das letras, de que o sentimento é brasileiro, mas a imaginação é e não pode deixar de ser europeia, havia uma causa social latente, que merecia a atenção que, de fato, lhe cabia. Como será proposto por Sérgio Buarque de Holanda anos depois, compartilhamos o mesmo fundo comum de hábitos, cultura dos europeus, e trouxemos de países distantes, segundo ele, “nossas formas de convívio, nossas instituições, nossas ideias, e [timbramos] em manter tudo isso em ambiente muitas vezes desfavorável e hostil[.] Somos, [portanto,] ainda hoje[,] uns desterrados em nossa terra” (HOLANDA, 1989, p.3).

Parece haver uma convergência de entendimentos entre Nabuco e Holanda. Além disso, o dilema do mazombo, anunciado naquelas linhas iniciais, alude à definição “do descendente de europeu ou reputado como tal, com um pé na América e outro na Europa, e equivocadamente persuadido de que, cedo ou tarde, terá de vencer a indecisão, plantando-os ambos de um só lado do oceano” (NABUCO, 1900, p. 12).

Segundo Nabuco, dessa incoerência do “mazombo” nasce “a mais terrível das instabilidades”, a despeito de que essa instabilidade se configura, se modifica, mas não desaparece completamente, afinal a questão da origem, segundo ele, é imorredoura.

“Era o deslumbramento das descobertas contínuas, a eflorescência do espírito: todos os seus galhos cobriam-se espontaneamente de rosas efêmeras” (NABUCO, 1900, p. 25). Em tal passagem, Nabuco vale-se de mais um artifício técnico que são os elementos naturais “galhos” e “rosas” para tentar representar aquilo que realmente se passa em seu íntimo. Surgem outros questionamentos: Mas em que medida a ordem do discurso corresponde à ordem do real? E por que a terra brasileira não o inspira?

A explicação é mais complexa e mais engenhosa:

É a atração das afinidades esquecidas, mas não apagadas que estão em todos nós, da nossa comum origem europeia. A instabilidade a que me refiro provém de que na América falta à paisagem, à vida, ao horizonte, à arquitetura, a tudo que nos cerca, o fundo histórico, a perspectiva humana; e que na Europa nos falta a pátria, isto é, a fôrma em que cada um de nós foi vazado ao nascer. (...) As paisagens todas do Novo Mundo, a floresta amazônica ou os pampas argentinos, não valem para mim um trecho da Via Appia, uma volta da estrada de Salerno a Amalfi, um pedaço do cais do Sena à sombra do velho Louvre (NABUCO, 1900, p. 49).

O autor relega o Brasil a segundo plano, mas faz constante menção aos atributos da natureza brasileira. Mas por que então Nabuco direciona seu olhar para a sua interioridade e aplica elementos da natureza brasileira, se esta não o impressiona? Posteriormente, ele mesmo respondeu essa pergunta: “[porque] até hoje ainda nenhum galho americano de tronco europeu mostrou dar a mesma flor de civilização que a da velha estirpe” (NABUCO, 1900, p. 141). Como anunciara anteriormente, falta no Brasil o teor humano.

Nabuco apenas apresentou um paradigma que viria a ser identificado por Sergio Buarque de Holanda anos mais tarde, em sua obra *Raízes do Brasil*:

Podemos construir obras excelentes, enriquecer nossa humanidade de aspectos novos e imprevisos, elevar à perfeição o tipo de civilização que representamos: o certo é que todo o fruto de nosso trabalho ou de nossa preguiça parece participar de um sistema de evolução próprio de outro clima e de outra paisagem (HOLANDA, 1989, p. 3).

Se pensarmos, porém, nossa cultura em função de uma árvore, teremos de pensar, segundo o argumento proposto por Holanda (1989), numa árvore que, vinda de fora, foi enxertada em território brasileiro e que para dar frutos originais, suas raízes devem ser aniquiladas, afinal, a muda enxertada em terreno adverso, medra (termo específico do raciocínio do Abel Barros Baptista, em seu texto *O cânone como formação – A teoria da literatura brasileira de Antonio Candido*), desenvolve-se, “mantendo naturalmente características do arbusto donde provém, mas [cresce] em consonância com o terreno até se tornar *próprio* dele”.

Nessa esteira, “a incapacidade de criar espontaneamente”, assinalada por Sergio Buarque de Holanda, veio a explicar, talvez, o motivo pelo qual Nabuco não se sentia embevecido pela paisagem do Novo Mundo, já que a forma atual de nossa cultura foi herdada das terras ibéricas e “o resto foi matéria que se sujeitou mal ou bem a essa forma”.

Roberto Schwarz, em seu texto “Sobre a Formação da Literatura brasileira” vai analisar, também, alguns pontos dessa discussão e apontará muitos fatores que se identificam com as idéias nabuconianas. Dirá o contemporâneo:

Escravidão, monocultura, incultura, primitivismo – em suma, o atraso – são o resultado funcional da subordinação da Colônia à Metrópole. (...) Não seremos uma nação independente – a despeito do Grito do Ipiranga – enquanto não corrigirmos as deformações que constituem o nosso legado colonial. (SCHWARZ, 1999, p. 17-18).

Nabuco identificara o impasse, por isso, buscava entender como se dava o progresso nos países desenvolvidos. O Brasil não o seduzia, porque havia uma característica que condenada o país, e caso não a liquidasse, estaria fadado para sempre a ser um país de segunda ordem.

Em outro texto, intitulado “Nacional por subtração”, presente na obra “Que horas são – Ensaio”, Schwarz anuncia: “brasileiros e latino-americanos fazemos constantemente a experiência do caráter *posticho, inautêntico, imitado* da vida cultural que levamos.” Mas daí, Schwarz identifica que muitos críticos comumente associam as deficiências à imitação, quando, na verdade, “o sentimento aflitivo da civilização imitada não é produzido pela imitação, (...) mas pela estrutura social do país, que confere à cultura uma posição insustentável, contraditória com o seu auto-conceito” (SCHWARZ, 2002, p. 46).

Nabuco, no capítulo sob o título de Nova York, expõe seu pensamento, em relação ao progresso do Brasil, da seguinte maneira:

O adiantamento de um país prova-se pela extensão da ideia de que a política é inseparável dos mais vitais interesses da sociedade, e por aí, dos de cada um. No Brasil essa ideia não se derramou, pelas condições especiais em que nos achamos, de território, população, trabalho escravo, etc. (NABUCO, 1900, p. 115).

Joaquim Aurélio Nabuco de Araújo foi, em suma, um pensador que descreveu o Brasil a partir de um diagnóstico doloroso e vivo. Seu exemplo de vida pretendeu aniquilar a visão provinciana dos problemas brasileiros. Repleto de impressões novas, fazia seus primeiros contatos com os grandes autores, com os livros renomados, com as ideias livres. “Tudo o que era brilhante, original, harmonioso”, segundo ele, o seduzia e o arrebatava por igual. Nabuco exercia suas atribuições em prol de uma causa social nobre: o combate a escravidão. O autor se ocupava da Política com “P” maiúsculo, se

interessava pelos assuntos de ordem moral, no intuito de superar o atraso que constitui a nossa herança colonial.

Considerações Finais

O objetivo desse ensaio foi refletir sobre a construção de subjetividade de Joaquim Nabuco, pautado em dois eixos temáticos: “arte” e “natureza”, no intuito de identificar os princípios naturais e as artificialidades da cultura para a sua própria constituição e formação humana.

Tanto a metáfora da “metamorfose pessoal”, através da utilização dos elementos naturais como “metamorfose”, “crisálida”, “borboleta”, quanto a metáfora geológica, através do emprego de termos geográficos genuinamente naturais como “sedimento novo” e demais horizontes estratificados para falar do Brasil e da Europa, constituem uma evidência dos princípios naturais e do artifício técnico da arte presentes em Nabuco.

Desse modo, cada fascinação da arte, da natureza, da literatura o atraía de maneira intensa. Porém, a fascinação da política era, segundo suas próprias palavras, a mais forte. Podemos inferir das exposições aqui dispostas que Joaquim Nabuco viu na política, aquela em que ele vê a boa sociedade, não só a disputa de partidos, a fria e inescrupulosa governança de estado, os assuntos frívolos e desinteressados, mas, como diz José Veríssimo, no apêndice do *Minha Formação*, “um drama capaz de interessar e comover um nobre exercício do espírito, uma digna ocupação da inteligência”.

Ao escrever a história de sua própria formação político-intelectual, Nabuco teceu uma crítica aos seus anos de juventude e a forma como conjugou suas notas íntimas brasileiras e estrangeiras, de modo que convergiu o processo de maturação de uma forma de escritor brasileiro cindido entre o artifício da cultura europeia e o coração íntimo de um brasileiro.

Com relação ao sentimento de admiração provocado pelas nações pelas quais percorreu, o autor deixa entrever que o seu fascínio por elas impulsionava sua busca pelo conhecimento das forças operantes no desenvolvimento de tais países. Dessa conjuntura, nasce um entendimento: ao projetar suas luzes para o cume do progresso de outro país Nabuco estava utilizando-o como espelho para pensar o Brasil. E nesse sentido, Nabuco estava interessado numa causa muito maior. O Brasil não o seduzia,

porque havia uma característica que condenada o país, e caso não a liquidasse, estaria fadado para sempre a ser um país de segunda ordem.

Nabuco exerceu suas atribuições a favor de uma causa social nobre: o combate a escravidão. O autor se interessava pelos assuntos de ordem moral, no intuito de superar o atraso que constitui a nossa herança colonial. Nhô Quim lutou para corrigir as deformações que constituem o nosso legado colonial. Aí está a beleza de todo o seu esforço. Nabuco havia percebido há muito que a contradição não residia na experiência do caráter postiço e imitado da vida cultural que levamos, tanto que se ocupou em liquidar o processo histórico de escravidão, monocultura, incultura, primitivismo e atraso, ou seja, como Schwarz definiu, resultado funcional da estrutura social da Colônia na condição de subordinação à Metrópole.

Referências

BAPTISTA, Abel Barros. **O cânone como formação – A teoria da literatura brasileira de Antonio Candido.**

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil.** Companhia das Letras. 1989.

NABUCO, Joaquim. **Minha Formação.** Rio de Janeiro: Top Books. 1900.

SCHWARZ, Roberto. **Que horas são? Ensaios.** São Paulo: Companhia das Letras. 1987.

SCHWARZ, Roberto. **As sequências literárias.** São Paulo: Companhia das Letras, 1999.